

QUESTÃO INDÍGENA Iauanauás conseguem reverter processo de migração de seu povo, exportando corante para empresa dos EUA

Urucum transforma vida de comunidade

RAIO X

Iauanauá

Yawa = queixada/javali
 Nawa = gente

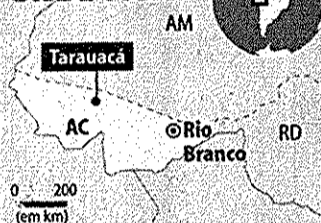
Localização: Reserva Rio Gregório, município de Tarauacá (AC)
Área: 92,859 mil ha
População: cerca de 500 habitantes
Atividades econômicas: plantio de urucum, andiroba, guaraná, castanha, extrativismo vegetal (látex)
Atividades de subsistência: caça, pesca, plantio de milho, mandioca, banana, arroz, batata, mamão e abacaxi

Urucum

Nome científico: Bixa orellana
Origem: nativa da América tropical
Uso: na culinária, na cosmética, na medicina alternativa e como corante

Fontes: Instituto Socioambiental e Museu Paraense Emílio Goeldi

ONDE FICA



Índios com o corpo pintado com urucum participam do mariri, cerimônia iauanauá em que a aldeia dança e canta a noite inteira

NOELI MENEZES
 DA REDAÇÃO

SILVIA DE MOURA
 DA AGÊNCIA FOLHA

A produção de urucum para exportação transformou a vida dos índios iauanauás, que vivem às margens do rio Gregório, em Tarauacá (490 km de Rio Branco).

Com a venda da semente para a empresa norte-americana de cosméticos Aveda, a comunidade iauanauá conseguiu reverter o processo de migração da população indígena. Os mais jovens saíram em busca de trabalho e melhores condições de vida. Hoje, a aldeia tem uma infra-estrutura similar à de uma cidade.

"Hoje, temos uma infra-estrutura que vai desde o pessoal preparado na área de educação, saúde e administração até sistema rural de eletricidade que funciona com a energia solar, posto médico e maquinário de beneficiamento de sementes", afirma Joaquim Tashka Yawanawá, representante internacional da comunidade.

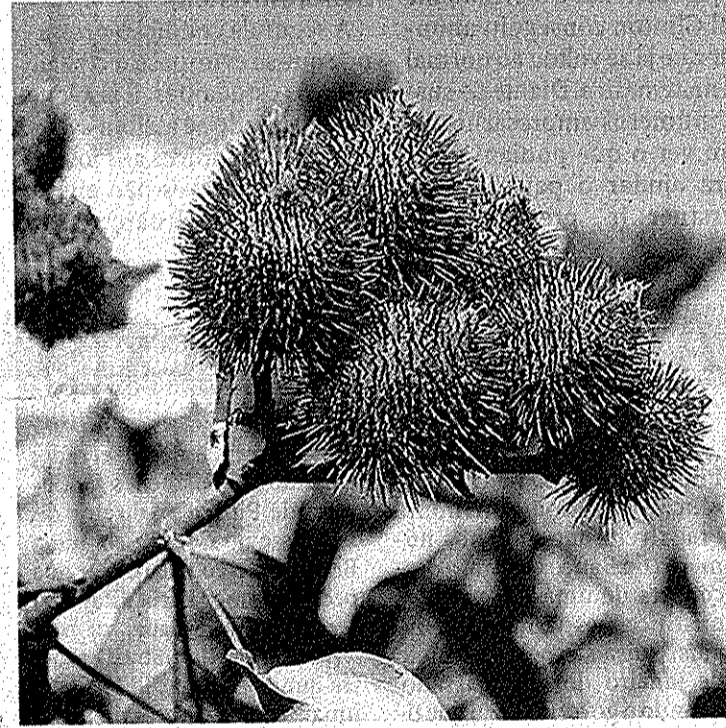
No início dos anos 90, com o acirramento da crise do preço da borracha, os iauanauás, que sobreviviam da exploração da seringa, enfrentaram dificuldades financeiras, conta Tashka.

Em 93, os índios criaram a Oaeiryg (Organização de Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório) para buscar parceria com a iniciativa privada.

"A partir da parceria com a Aveda, nosso povo foi encontrando novos horizontes em busca de uma autonomia econômica, sem sair da floresta. É uma forma de preservarmos nossos costumes, tradições e língua", diz Tashka.

O antropólogo Mauro Leonel afirma que os projetos da iniciativa privada com comunidades indígenas são mais viáveis que os do governo porque oferecem garantia de mercado para os produtos. De acordo com Ednaldo dos Santos, da Funai em Rio Branco, o projeto foi todo desenvolvido pela própria comunidade indígena. "Eles criaram a associação deles e buscaram recursos. A Funai não interveio em nada. Nem para ajudar nem para coibir".

Segundo o presidente da Oaeiryg, Raimundo Sales Luiz Yawanawá, 38, o quilo do urucum produzido pelos iauanauás é comprado pela Aveda a R\$ 2,40 — preço acima do mercado nacional, que paga R\$ 1,80 pelo quilo da semente da planta. Os índios colhem cerca de cinco toneladas de urucum em cada uma das duas safras anuais.



Arbusto da plantação de urucum dos iauanauás em reserva

Índio realiza intercâmbio

DA REDAÇÃO
 DA AGÊNCIA FOLHA

Como comunidade, as decisões dos iauanauás são tomadas em conjunto. Foi senso comum dos índios escolher Joaquim Tashka Yawanawá, 27, para representar a etnia internacionalmente.

Há dois anos e meio, ele ganhou uma bolsa para estudar inglês nos Estados Unidos. Durante esse tempo, Tashka teve a oportunidade de fazer intercâmbio com outras nações indígenas.

Ele conheceu diversas cidades norte-americanas, viajou para Canadá, Venezuela e México, sempre auxiliando o trabalho de diversas etnias, como os tepehuanos (mexicanos).

Em 99, Tashka fundou o Nawa Institute (<http://www.agamanawa.com>). "Nawa é uma palavra iauanauá que significa diferentes povos. O instituto tem a missão servir de instrumento para o fortalecimento, preservação e proteção do conhecimento indígena."

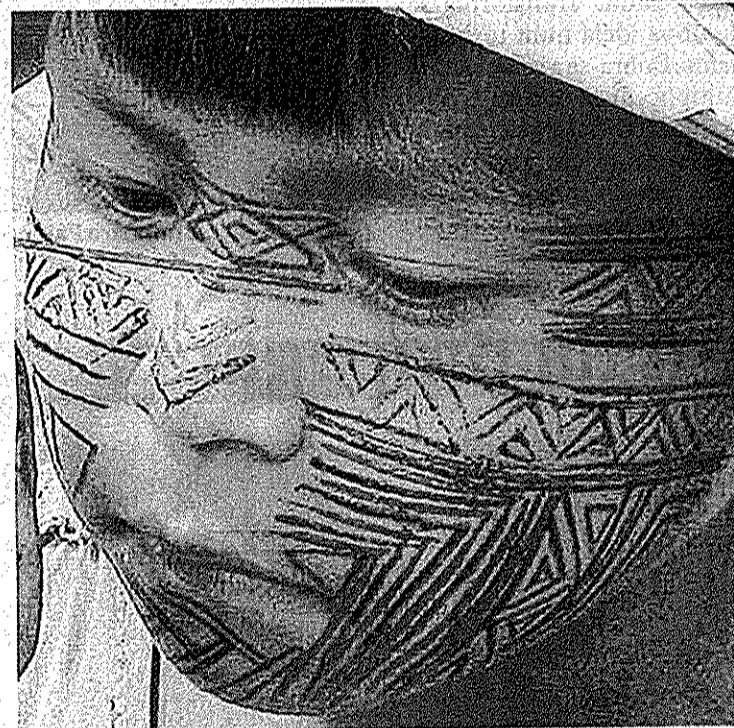
Em parceria com a rádio KTAO (em Taos, Novo México/EUA), o Nawa Institute transmite, às quintas-feiras, o programa "Indigenous Voices" (Vozes Indígenas).

"Temos entrevistas, tocamos música tradicional e temos noticiário dos últimos acontecimentos sobre a temática indígena ao redor do mundo."

O instituto planeja para fevereiro um encontro de jovens indígenas e não-indígenas das Américas, em Rio Branco.

"Apesar de estar morando em Taos, meu coração vive no fundo da mata. Vivendo fora do Brasil aprendi a valorizar mais a minha cultura e a cultura brasileira."

Tashka é casado com uma índia mixteca (mexicana). (NME SM)



Criança iauanauá é pintada com tinta de urucum antes de ritual

Povo é pioneiro em demarcação

DA REDAÇÃO
 DA AGÊNCIA FOLHA

Os iauanauás foram pioneiros em obter a demarcação de suas terras no Acre, em 1984, depois de expulsarem os invasores brancos. Até meados da década de 70, esses índios serviam de mão-de-obra escrava em seringais da região. Agora, eles ocupam a parte sul da reserva do Rio Gregório — área de 92,859 mil hectares, compartilhada com os índios catuquinas.

Para chegar à reserva, é preciso viajar quatro horas de carro de Tarauacá até o rio Gregório e mais quatro dias de barco ou fretar um avião no município. O voo leva cerca de uma hora.

Com a prosperidade vinda a partir da venda do urucum, a comunidade construiu um hospital que está para ser inaugurado. Outros projetos para benefício dos iauanauás estão sendo tocados. Um deles é o tratamento da água que abastece as casas da aldeia.

A tribo também reservou três hectares de terra para a plantação de ervas medicinais. "Os conhecimentos mais importantes do nosso povo, os conhecimentos sagrados (estão ali), no cultivo de plantas medicinais. Um dia vai servir para o mundo. Não queremos que isso morra com os mais antigos", diz Biraci Brasil Yawanawá, que está fazendo um curso para ser o pajé da comunidade.

A aldeia gravou e lançou um CD com cantos ritualísticos. "O CD representa a realização de um antigo sonho dos anciãos em gravar nossas cantigas tradicionais, para que não se percam no tempo e no esquecimento", diz Joaquim Tashka Yawanawá. (NME SM)

Produção visa preservar tradição

DA REDAÇÃO
 DA AGÊNCIA FOLHA

Uns dos principais desafios dos iauanauás foi adaptar sua forma tradicional de produção — na qual o índio só praticava atividades de subsistência — à necessidade de atender à demanda do mercado externo.

"O 'time' do mercado é diferente do da pessoa que vive na aldeia. Aqui, se ela acorda de manhã e está com vontade de pescar, por exemplo, pode passar o dia inteiro pescando. Não se preocupa se terá de entregar uma certa produção no final do mês para que um cliente possa tocar seus negócios", explica Joaquim Tashka Yawanawá, representante internacional da aldeia.

Tashka conta ainda que demorou muito tempo para que a toda

essa mudança fosse implantada na comunidade sem interferir no cotidiano dos índios.

A forma de trabalho dos iauanauás na produção do urucum é coletiva. Todas as famílias mandam representantes para participar da colheita e da preparação da planta para exportação.

"Temos discutido em reuniões como é valiosa a forma tradicional de organização de nosso povo em trabalhos coletivos e na distribuição de funções que visa a toda a estrutura da comunidade, e não apenas ao mercado externo."

O lucro tanto da venda do urucum é destinado a projetos que visam toda a aldeia.

Durante as colheitas (fevereiro a abril e julho a setembro), os iauanauás também recebem pelo que trabalham. Cada índio ganha R\$ 7 por dia de trabalho. (NME SM)

Inversão

Segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio), em 1995, dois anos após a implantação do projeto, havia cerca de 230 índios vivendo na aldeia. Atualmente, há cerca de 500 iauanauás lá.

Quando o fundador da Aveda, Horst Rechelbacher, encontrou-se com os líderes iauanauás para discutir a parceria, sugeriu que o urucum fosse colhido na floresta. Mas os índios apresentaram a proposta de separar uma área para o cultivo da planta.

A empresa financiou o plantio de urucum em 16 hectares da reserva, associado a outras plantas tropicais da Amazônia, como castanha, pupunheira e guaraná. Os índios já fazem o plantio com recursos próprios.

A Aveda utiliza o corante do urucum na produção de batons, xampus e condicionadores.

Tradição

A preservação das tradições indígenas foi um dos pontos do contrato firmado entre os iauanauás e a Aveda. "A empresa tem respeitado nossos limites e nossa forma tradicional de trabalhar", afirma Sales. (leia ao lado)

Para Tashka, não existe no Brasil um política que trate especificamente da questão indígena no que diz respeito a seu território tradicional, a educação diferenciada e a saúde. "A única saída da comunidade foi buscar formas de ser auto-sustentável economicamente para manter sua tradição."

A aldeia possui uma escola de 1ª a 4ª séries que ensina, além da língua portuguesa, a língua iauanauá. "Neste mundo de globalização, nós temos de preservar nossos costumes. É um meio de sobreviver. A nossa escola tem de trabalhar em torno disso", diz Biraci Brasil Yawanawá.